

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 143

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 13500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignatos tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

Continuaremos, no proximo numero, com os artigos d'esta secção, intercalando n'elles uma resposta ao periodico clerical de Vizeu—*A Folha*. Este collega dedicou-nos successivos artigos de polemica. Não os lêmos ainda, porque não temos tido vagar para isso. Juntámo-los para os lermos quando tivermos occasião de responder.

Vamos lêr agora e responderemos.

Cartas d'Algures

16 DE MAIO.

Lá passou o convenio. Podéra não passar! E lá ficou tudo quietinho. Podéra não ficar!

Nós bem o diziamos!... Não ha gente para revoluções. São muitos os pulhas e muito poucos os homens honestos. E se nas revoluções tem entrado pulhas muitas vezes, nunca foram elles que as assignalaram com a grandeza de que ellas carecem para triumphar.

Um movimento pacifico, era inteiramente impossivel. Não ha em Portugal força de opinião para isso. Não ha mesmo opinião, opinião auctorizada, opinião independente.

Quaes eram os inimigos do convenio? Os nacionalistas, os francaceos, os republicanos, o sr. Dias Ferreira e o sr. Fuschini, homens de incontestavel valor, mas sem partido. Ora os nacionalistas tem a responsabilidade de todas as poucas vergonhas commettidas até hoje.

O sr. Jacinto Candido foi ministro regenerador, na ultima situação ainda, o sr. Conde de Breiandos foi influente progressista, e progressistas e regeneradores tem sido todos ou quasi todos os outros corypheus do nacionalismo. Depois, que diabo de confiança pôde inspirar ao paiz essa cambada de sachristia?

E a cambada francacea? Pois o sr. João Franco tem alguma auctoridade para censurar os outros? Não é elle um dos mais responsaveis na situação do paiz? Elle e os seus amigos não apoiaram, até á ultima hora, toda a casta de patifuria?

O sr. Fuschini deu o que se viu e o que tambem era de esperar. Esse homem foi sempre da minha formal antipathia pela sua falta de sinceridade. Ha muitos annos que o venho dizendo. Sempre que os republicanos se colligavam com elle, eu lembrava, aos republicanos, aquelle facto

d'elle ter andado a conspirar, antes do 31 de janeiro, para dizer depois, em plena camara, com os tribunaes de Leixões a funcionar: «Se eu tivesse a republica fechada na mão, nem assim abria esta para a deixar sahir», palavras que o illustre catão teve o cuidado de supprimir no *Diario das Sessões*, mas que nem por isso, como se pôde vér nos jornaes da epocha, deixou de pronunciar.

Restava o sr. Dias Ferreira, o unico que poderia offerecer garantias, e restavam os republicanos. Mas os republicanos, sem organização, sem rumo, sem verdadeira consciencia da crise da nação, dispersos, inimigos uns dos outros, deixaram ha muito de constituir uma força respeitavel. E o sr. Dias Ferreira dispõe de si, se é capaz de dispôr de si mesmo sem se deixar enleiar nas difficuldades do meio, e não dispõe de mais ninguém.

Com taes elementos, n'um paiz onde as grandes multidões tem uma civilização e uma cultura que pouco differem da civilização e da cultura do preto, como se havia de formar uma opinião bastante forte para fazer recuar o governo?

Restava a revolução. Quem a fazia? O povo? Em Portugal não ha povo. Os partidos? Quaes partidos? Os nacionalistas, os francaceos e os republicanos colligados? Colligação tão estupenda que em caso nenhum poderia produzir um movimento revolucionario. A burocracia? Os burguezes? Olha os burguezes! Olha os burocratas!

A armada? O exercito? Vallha-nos Deus com a armada e com o exercito.

A armada, por si, pôde fazer motins e anda ha muito tempo tão fóra dos eixos da disciplina que não diremos que os não faça. Mas só motins. Revoluções, nunca. A disciplina do exercito tambem não é muito grande. N'um momento dado poderia dar uma pavorosa, se o 31 de janeiro não tivesse mettido um tal medo nos tropas que não ha meios de os fazer pensar, sequer, em sahir para a rua. O exercito ou faz revoluções, ou faz pavorosas, ou não faz coisa nenhuma. Para fazer revoluções é preciso estar disciplinado e ter homens. Para fazer pavorosas ou motins basta estar indisciplinado e convencido da impunidade, isto é, da facilidade da empreza. Se não está e tem medo, nem a motins se atreve e deixa correr o marfim.

Se o exercito está disciplinado, não faz revoluções senão em momentos de angustia nacional. Então essas revoluções são sérias. A honestidade e patriotismo dos seus chefes não só lhes incute força para a grande cartada, co-

mo domina as hesitações e fraquezas dos subornados. O espirito de disciplina, isto é, de respeito, de temor, de obediencia pelo chefe, completa o resto. Nem mesmo com o chefe revoltado, esse espirito de disciplina deixa de se manter, constituindo uma força poderosissima. Além d'isso, a indignação, o amor patriotico, a revolta contra o despotismo que anima o chefe, anima, da mesma fórma, o subordinado.

Se o exercito está indisciplinado, facilmente poderá fazer motins. Mas, em geral, não passa de motins. Como aconteceu no 31 de janeiro! Então o chefe intelligente e ousado, ousado sem ser tolo, é o primeiro a ter medo de se pronunciar, por isso mesmo que não tem confiança nenhuma nem nos que lhe estão para baixo, nem nos que lhe estão para cima. E retrah-se. Retrahe-se o poltrão, o egoista, aquelle para quem pouco vale o amor da patria e da liberdade. E fica em campo, ou o graduado de infima cathegoria, que pouco tem a perder e que não mede bem as consequencias d'um passo perigoso, ou o ingenho e o tolo que tudo suppõem facil quando não o suppõem feito antes de se fazer. Tal qual como no 31 de janeiro, em que a pelle do urso era coisa tão indiscutivel e tão certa como dois e dois serem quatro.

Revoluções com o nosso exercito! Eu nunca posso deixar de me rir quando ouço falar em tal. Coitados. Os pobres diabos não fazem idéa nenhuma do estado moral e intellectual do exercito.

A marinha, mais indisciplinada ainda que o exercito, e mais confiada, muito mais do que elle, poderá fazer motins. Mas olhem que não passa d'ahi! Motins desfizem-se com a mesma facilidade com que se fazem. Além de que a marinha está materialmente impossibilitada de fazer mais do que motins.

Eu não quiz dizer isto antes do convenio. Mas agora já não faz mal aos promotores da revolução.

Deixem-se de tolices. Lancem-se a um trabalho profundo de remodelação nacional. Se o fizerem, poderão contar com a revolução, e com revolução triumphante, para um futuro mais ou menos proximo. Se o não fizerem, se ficarem no egoismo d'aquelles que não querem plantar castanheiros porque sendo arvores de desenvolvimento lento já não dá castanhas senão para os filhos, então nem revolução para elles nem revolução para os outros. Se os filhos não comem castanhas, os paes tambem não.

Lancem-se a esse trabalho patriotico, digno, honrado, de prepararem outro meio ás gerações que vierem.

Então, poderão ao menos morrer confiando dignamente em que chegará a hora suprema da justiça, da verdade, do direito. Se o não fizerem,—e não fazem—morrerão pulhas como viveram.

Sim, pulhas. Como pulhas nasceram e como pulhas hão de morrer.

Pois que os leve o diabo.

A. B.

Excursão á Figueira

Os Bombeiros Voluntarios de Aveiro promovem para o dia 17 de Agosto uma excursão á Figueira da Foz. Para esse fim contratarão com a companhia dos caminhos de ferro um comboio especial que deve partir ás 7 horas da manhã do dia 17 de Aveiro em direcção á Figueira, tendo demora de 24 horas n'aquella cidade.

Os que quizerem gosar d'este magnifico passeio podem ir inscrever os seus nomes até ao dia 30 de Junho nos seguintes estabelecimentos:

Armazens da Beira-mar, dos srs. Francisco Carvalho, Manuel Nunes de Figueiredo e José Augusto Rebello. O custo dos bilhetes é apenas de 1\$100 réis.

Consta-nos que já se acha muito adeantada a inscripção para este projectado passeio, que promete ser attrahente.

O *Diario do Governo* publicou um decreto ordenando que d'ora avante, e a começar já no actual anno, a contribuição industrial deverá ser paga por licença e immediatamente ao exercicio da industria.

O BALÃO (PAX)

Acaba de ser destruido em Paris, por meio de incendio, a uma altura de 300 metros, o balão Pax, sendo victimas da catastrophe o proprietario e inventor do balão, deputado brasileiro dr. Severo, que se estava entregando ao estudo da direcção dos balões, e o operario Sachet seu muito affeiçãoço.

Segundo os telegrammas que dão noticia da catastrophe, a morte dos dois martyres da sciencia, foi horrivel.

O sinistro deu-se n'uma volta de manobra sobre a avenida de Maine, assistindo em baixo a esposa do dr. Severo ao pavoroso drama.

A *Epocha* foi transmittida a noticia de que fóra victima do desastre o sr. Xavier de Carvalho, correspondente de varios jornaes em Paris. Felizmente Xavier de Carvalho não acompanhou os aeronautas.

Os cadaveres das victimas cahidos na avenida Maine foram logo transportados para o deposito. Segundo a noticia do *Seculo*, Sachet estava horripelmente mutilado; as carnes desfazião-se-lhe á simples pressão dos dedos, deixando os ossos a descoberto.

O CONVENTO DAS CARMELITAS

UMA QUESTÃO CLERICAL

Tendo o sr. Albano de Mello apresentado, na camara dos deputados, um projecto de lei para ser concedido á camara municipal de Aveiro o convento das carmelitas, entendeu o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, presidente da vereação aveirense, que devia dirigir-se ao sr. bispo conde pedindo-lhe que não se oppozesse aos intentos da camara.

E' profundamente lamentavel que seja preciso recorrer a taes expedientes. Isto prova evidentemente o que cem vezes temos dicto, isto é, que a questão magna d'este paiz, como de todos os paizes da raça latina, é a questão clerical, e que enquanto o clericalismo não fór esmagado inutil é procurar a rehabilitação de Portugal. O progresso é perfeitamente incompativel com o predominio do catholicismo romano. Portugal não será coisa nenhuma enquanto lhe soffrer o mando. Ora todos os dias se encontram provas d'esse mando e a questão do convento das carmelitas é mais uma, innegavelmente.

O sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto não pôde ser accusado de subserviencia á clericalha, felizmente para elle e para o bom nome d'esta terra. Não foi por espirito de beaterio, nem por espirito de lisonja, que s. ex.^a se dirigiu ao bispo conde. Porque foi, então? Evidentemente porque a opposição do bispo era de temer. O sr. Pinto Basto sabia-o, sem duvida, e quiz quebrar um pouco essa opposição com um procedimento que, sem isso, seria completamente injustificavel. O poder civil não curva a sua cabeça ao poder religioso. Não recebe d'elle indicações e muito menos as deve pedir. A camara municipal de Aveiro não tinha nada que consultar o bispo sobre melhoramentos locais e se o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto não fosse para nós, e para todo o elemento liberal, completamente insuspeito, teriamos o direito de suppor outros intuitos em s. ex.^a e, n'esses casos, o dever de censurar severamente o procedimento da camara. Mas sendo o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto um espirito culto e progressivo, completamente isento de preconceitos religiosos, por educação e temperamento avesso a todos os servilismos e a lisonjas de qualquer ordem, não podemos attribuir o seu procedimento senão á circumstancia, já referida, de s. ex.^a saber que o bispo era hostil ao pedido feito pela camara e le-

O analphabetismo

EXERCITO

Sob o titulo: «O analphabetismo no Exercito.» — «Provas em infantaria 14», dizia o *Seculo* do ultimo domingo, em correspondencia de Vizeu:

«Dêram já as suas provas os soldados do 14, que no corrente anno foram ensinados pelo methodo João de Deus, tendo por professores os officiaes das respectivas companhias. Os resultados foram muito lisonjeiros e muito maiores do que se esperava. Chega a parecer impossível que se conseguisse que verdadeiros analphabetos, no espaço que vai de 17 de dezembro a meados de abril, ficassem a saber ler, escrever e contar, como teve occasião de presenciar quem quiz ir assistir ás suas provas. E' todavia, a verdade, e a experiencia, feita o anno passado na companhia do capitão Homem Christo, e este anno em todas as do 14, veio confirmar, mais uma vez, a excellencia do methodo João de Deus, quando ensinado devidamente, e que o problema do analphabetismo no exercito ficará resolvido por uma vez, desde que tal ensino seja decretado, como é de toda a justiça e interesse social. O ministro da guerra que o tornar obrigatorio terá prestado ao exercito e ao seu paiz um serviço relevante e assignalará a sua passagem pelas cadeiras do poder com um acto de alto valor, que ha de ser devidamente apreciado no paiz e no estrangeiro e lhe deixará um nome immorredouro.

São dignos dos maiores elogios os officiaes de infantaria 14, que com decidida vontade se empenharam n'esta cruzada que com tanto exito levaram a effeito. Se não tiverem outra compensação, resta-lhes a consciencia de terem prestado um alto serviço á causa da instrucção e as bençãos dos muitos soldados que, entrando no quartel, sem conhecerem uma letra, completamente ignorantes, já hoje, por seu punho, escrevem ás suas familias, que, por sua vez, bendirão a sorte que tiveram, pelo muito que foram aproveitar. A prova está tirada, os resultados estão vistos, e são extraordinariamente lisonjeiros. Falta apenas um decreto que torne este ensino obrigatorio. Não haverá um ministro que se abalance a tão grande empreendimento? Cremos bem que sim.»

O correspondente de Vizeu, para o *Seculo*, não é justo referindo-se aos officiaes do 14, em globo, e não se referindo a sargento nenhum. Entre os officiaes alguns houve que demonstraram, na verdade, o seu interesse pelo grande problema do analphabetismo e esses são dignos de todo o louvor. Mas outros houve que não fizeram senão conspirar, por espirito de rotina e de mandriice, contra a obra dos seus camaradas, tentando, por todas as formas, inutilisar e desacreditar a experiencia do ensino litterario por companhias. Contra esses toda a reprovação é pouca.

Não queremos agora especialisar factos nem assignalar acções como a do *Chêché*, nem o *Povo de Aveiro* tem publicidade que chegue para a celebração condigna d'actos de tal natureza, capazes d'assombrar o exercito. Mas mencione-se a restricção e accrescente-se que alguns sargentos merecem tantos louvores como os illustres officiaes que se dedicaram ao ensino.

E, por emquanto, mais nada.

«A Voz da Justiça»

Com este titulo começou a publicar-se na Figueira da Foz um novo jornal semanal, a quem desejamos longa vida.

Já não ha que recear o boato, que a principio se fez echo, de se ter desenvolvido em Ilhavo a meningite.

Felizmente as providencias foram rapidas e alguns dos atacados vão já em via de restabelecimento, o que nos é grato registar para socego de todos.

Gatunagem em acção

Dizem d'Estarreja, que na madrugada de quinta-feira foi preso em Orsela, concelho de Oliveira de Azemeis, o celebre gatuno *Farpão*, pronunciado sem fiança n'esta comarca, conjunctamente com o *Lans* e *Bombarda*, pelos crimes de roubo e fogo posto, estando estes já presos nas cadeias d'esta villa, onde acaba de ser recolhido tambem o *Farpão*.

Deve-se aquella prisão ao sr. administrador d'este concelho que habilmente conseguiu saber onde o gatuno costumava pernhoitar.

O *Lans* e *Farpão* tambem estão pronunciados em Oliveira de Azemeis pelo crime de roubo, pelo que prestarão fiança, arbitrada em 8.000.000 réis.

Estão agora em segurança os tres gatunos que em 4 de março ultimo e no lugar de Santo Amaro roubaram Antonio de Rezende, lançando-lhe tambem fogo á casa.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que o sr. Domingos Valente de Almeida publica n'outro lugar d'este jornal.

Horrorosa catástrophe

Pormenores sobre a erupção—Destruição completa da cidade de S. Pedro de Martinica.—As victimas.

Como noticiámos no nosso numero ultimo pelos telegrammas recebidos confirma-se toda a extensão e horror que arrazou a cidade de S. Pedro de Martinica e em que pereceu quasi toda a população, para cima de 30.000 pessoas.

A Martinica é uma ilha do Oceano Atlantico, uma das pequenas Antilhas francezas, na America Central. Tem 98.783 hectares de superficie e 161.782 habitantes.

A Martinica é montanhosa e em toda ella se levantam grupos de montes, alguns dos quaes terminam em agudos cumes. São antigos vulcões que parece terem sido fendidos por tremores de terra. O cume mais elevado é o de Pelce, que tem a altitude de 1.350 metros, seguindo-se-lhe o monte Carbet com 1.207.

D'estas montanhas, que em grande parte são cobertas de florestas quasi impenetraveis, descem 75 rios.

Na ilha ha só duas estações; uma de outubro a julho e outra chamada hibernagem, no resto do anno.

No inverno, os tufões, os vendavaes e os tremores de terra causam a miúdo estragos consideraveis. Mas, não obstante estas condições, a Martinica é um paiz fértil e as produções são valiosas.

A Martinica está ligada á metropole por uma linha de navegação regular, por barcos de vapor francezes, estabelecida entre esta ilha e o porto de Saint-Nazaire.

Administrativamente, divide-se em dois districtos: Fort de France e S. Pedro. A capital é Fort de France.

A Martinica foi descoberta em 1493 pelos hespanhoes, que lhe

puzeram o nome, mas que não fundaram alli feitoria alguma. Foi colonizada pela primeira vez, em 1635, pelos francezes e subordinada em 1675 ao dominio da França.

Em 1717, tornou-se a capital das Antilhas francezas.

Em 1762, apoderaram-se d'ella os inglezes.

Por occasião da revolução franceza tornaram os francezes a apoderar-se da ilha, que tiveram em seu poder até 1802; em 1809, tornou a ser occupada pelos inglezes e só em 1814 é que foi novamente restituida á França.

Telegrapham de S. Thomaz, annunciando que o capitão da escuna ingleza *Ocean Traveller*, chegado a S. Domingos no dia 7, declarou que uma chuva de cinzas o obrigara na tarde de quinta-feira a fugir da ilha de S. Vicente, onde um vulcão estava em erupção. O capitão queria entrar em Santa Lucia, mas não lhe foi possível por causa de correntes contrarias. Chegou a estar á vista de Saint-Pierre na manhã de quinta-feira.

Estava a uma milha do porto quando se deu a erupção.

A lava inundou a cidade de Saint-Pierre, destruindo a povoação e o porto.

Outros despachos dizem que a erupção começou no dia 3, vomitando o vulcão lava até ao dia 7. Navios de guerra inglezes partiram para S. Vicente por causa da erupção.

A Guadalupe chegou ontro navio de guerra, partindo depois de se ter abastecido de mantimentos.

A *Depeche Coloniale*, entre outros telegrammas de New-York, publica o seguinte:

Um *steamer* americano ia para a Dominica quando, ás 10 horas da manhã (do dia 8), o marinheiro de vigia avistou uma barca que parecia abandonada no largo do estreito que separa a Dominica da Martinica, entre os cabos de Cachacrou e Macuba.

O vapor arrepiou caminho para se approximar da barca, que continha uma dezena de individuos, quasi todos da raça negra, esgotados e rendidos pela fome e pelo soffrimento. A velas tinham sido queimadas e a embarcação abandonada á violencia das correntes. Esses fugitivos provinham d'uma plantação de café, situada nas proximidades de Saint Pierre, mesmo no sopé do vulcão. Contaram que já receavam a grande catástrophe e que por isso tinham tido tempo de fugir lhe.

Admirados com os ruidos subterraneos que se ouviram nas noites antecedentes á erupção foram para a praia, e apenas ella começou, embarcaram-se ao largo.

O *steamer* americano recolheu-os e transportou-os a Charlottoeyn (Dominica), onde contaram que muitos outros colonos tinham abandonado a ilha da Martinica em barcos da navegação costeira. Ignora-se, porém, onde elles pairam actualmente.

Contaram tambem os fugitivos que já estavam a dois kilometros da terra e na mais completa obscuridade, apesar de serem oito horas da manhã, quando as materias inflammaveis caíram a pouca distancia da sua embarcação. D'ahi a momentos e quando já se julgavam livres de perigos, as velas do barco incendiaram-se-lhe sem que dessem por isso.

O calor que então fazia era verdadeiramente asphyxiante.

Segundo annuncia o *Daily-Mail*, a catástrophe da Martinica foi devida a uma explosão formidavel que durou tres minutos vomitando o vulcão blocos de granizo, lava incadescente e cinzas.

O vapor *Novaima* foi envolvido por uma enorme onda provocada pelo terramoto.

O unico navio que se salvou foi o vapor *Rodam*, escapando sob uma chuva terrivel de lava

vado ao parlamento pelo sr. Albano de Mello, que essa hostilidade era um elemento talvez decisivo, ou de bastante peso, pelo menos, e que conyulia remove-lo ou attenua-lo. Es. ex.ª tomou, então, a resolução de pedir o auxilio do bispo para um fim de incontestavel valor e utilidade publica.

Das duas, uma: ou o bispo accedia e estava tudo resolvido, ou o bispo se oppunha e ficava em conflicto com a opinião publica.

O dilemma não era muito mal estabelecido.

O bispo oppoz-se; o bispo resiste. Sempre bispo! Não temos que estranhar.

O bispo foi até pittoresco permitindo-se a liberdade de dar opiniões e conselhos sobre melhoramentos e obras locais. Já nos parece um bispo da idade média!

Conselhos com toda a forma de sentenças irrevogaveis.

O bispo entende que só ha um melhoramento local de urgencia inadiavel: o acabamento da igreja da Vera-Cruz!

O bispo entende que, acima da alta conveniencia de adquirir casas para escolas, está a conveniencia das santas mulheres, que vivem em adoração no convento das carmelitas!

O bispo entende que mais vale não obrigar o reverendo e virtuosissimo padre Bento Rodrigues a mudar de casa que arranjar edificio especial e proprio para o tribunal judicial e dotar a cidade com novos largos e novas ruas!

Estamos de ha muito acostumados aos atrevimentos clericaes. Mas confiamos que não copravamos tamanha audacia e tamanha falta de tino da parte do bispo de Coimbra.

Falta de tino, sim. Porque se o bispo conde fosse o habilidoso, que os pataratas, ha muito, nos veem pintando, não assignaria um officio de tal ordem, cheio de saloices pittorescas, e muito menos o entregaria á publicidade.

Qual é o bispo, de espirito elevado, que declara a construcção d'uma igreja como obra de primeira urgencia, n'uma terra onde não faltam igrejas para rezar? Se em Aveiro faltassem igrejas, vá, sendo o bispo bispo e não havendo para bispos e bispas coisa mais digna, mais levantada, mais urgente que ouvir missa e papar hostias. Que o bispo, citando a vantagem d'outros melhoramentos, falasse tambem na igreja, ainda, vá, sendo o bispo bispo e sendo as igrejas indispensaveis aos bispos e bispas. Mas que acima da construcção immediata de casas para escola, acima da construcção immediata de casas para asylo e prisões, acima da construcção immediata do proprio edificio para hospital, colloque o bispo a construcção da igreja da Vera-Cruz, sendo certo que não deixa de haver em Aveiro onde os padres digam missa e os fics a ouçam, sendo certo que não faltam em Aveiro pias, ou para agua benta ou para o mais que se torne indispensavel aos fics, francamente, não é de grande homem.

Será de homem grande; de grande homem é que não.

Até parece que é o *Cabecinha*,

e não o bispo de Coimbra, quem está falando. Verdade, verdade: essa é de *Cabecinha*.

Não é de sua excellencia reverendissima.

Não. Sua excellencia reverendissima, a discutir argamasas e entalhos, e a conveniencia de aproveitar ou não aproveitar edificios velhos para os converter em installações novas, desceu do campo espirital para um campo demasiadamente materialista e prosaico.

E ou foi obra do vulto do Venancio pelo meio das terras como phantasma, ou coisa do Aniceto atraz do frade ou do frade atraz do Aniceto. Principalmente contando se com o reverendo e virtuosissimo padre Bento Rodrigues, que, se não é Aniceto nem Venancio, é Bento, e frade em todo o caso.

Ora pois! Seja como fór, o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, collocada a questão no terreno em que se collocou, não pôde nem deve recusar, com a certeza de que será applaudido, no seu proposito, por toda a opinião liberal d'esta cidade, que é quasi toda ella, como s. ex.ª disse em resposta ao sr. bispo.

Escreveu o sr. Pinto Basto muito bem; a cidade unanimemente applaude s. ex.ª na revidicação do convento das carmelitas, com rarissimas excepções, apenas de um ou outro dos seus habitantes que não são naturaes d'aqui e, se o são, obedecem ao *dever de officio*, ou teem já dado provas publicas da abjecção de sentimentos que occultam sob a mascara hypocrita da sua pseudo religião.

Muito bem. Perfeitamente.

A cidade, a parte os pulhas, os hypocritas, os trociantas, está unanimemente ao lado do presidente da camara e ha de applaudi-lo tanto mais quanto maior fór a energia desenvolvida por s. ex.ª contra os manejos da clericallha.

Que não desanime o sr. Pinto Basto. A'vante, n'esse como em outros emprehndimentos de manifesta vantagem para a cidade.

E voltaremos ao assumpto.

THEATRO AVEIRENSE

A Companhia Rosas & Brazão deu hontem o seu primeiro espectáculo com a applaudida peça—*Castello Historico*.

A casa estava repleta.

Para a récita de hoje em que se representa *Os Velhos*, ha grande entusiasmo para ver os insignes artistas do Theatro D. Amelia, de Lisboa. E' possível que já não haja um unico logar.

Consta-nos que a Direcção do Theatro prepara uma surpresa muito agradavel ao publico. Veremos.

Romarias

Comçou o periodo das romarias. Hoje e amanhã tem logar em Vagos a romaria chamada do Espirito Santo, onde costuma concorrer muito povo de Mira e Cantanhede, sendo distribuido todos os annos um *bódo* aos pobres.

O sitio é muito aprazivel.

A'manhã tambem se festeja o Senhor dos Afflicto, havendo de

Era uma scena verdadeiramente infernal.

O Daily-Mail recebeu um telegramma de Pointá Pitre, dizendo que a destruição de Saint-Pierre da Martinica foi completa, bem como a dos seus arrabaldes.

Calcula-se que ha 30:000 pessoas mortas.

Os districtos que dependiam da cidade destruida estão ameaçados de fome, por se terem perdido as existencias armazenadas de generos alimenticios.

A cidade de S. Pedro começou já a ser desentulhada, até que seja possível a remoção das ruínas ainda fumegantes. Afim de se evitar uma epidemia, os cadáveres encontrados nas estradas e nas ruas serão incinerados. Os vapores transportam para Fort-de-France a população dos arredores de Saint-Pierre.

Um despacho de Fort-de-France para Paris, diz que uma testemunha presencial da catastrophe de S. Pedro refere que ella occorreu da seguinte forma:

Durante o dia 5 ouviram-se ininterrompidamente detonações espantosas, que cessaram ao anoitecer, para dar lugar a uma verdadeira chuva de cinza miúda.

O governador Moutet, que enviara a S. Pedro um destacamento de tropas para impedir a fuga dos habitantes, logo que chegou á cidade com a esposa, tratou de tranquilisar o povo, assegurando que o perigo não augmentaria mais. Ao amanhecer do dia 8 todos contemplavam ansiosos a espessa nuvem que envolvia a cratera do Monte Pellé.

Seriam 8 horas da manhã quando cahiu uma nova chuva de cinzas, ouvindo-se em seguida ruidos medonhos, acompanhados de terríveis descargas ou explosões. Um verdadeiro cyclone de fogo e fumo cahia, proveniente do vulcão, sobre a cidade e a bahia. Aquelle fumo devia estar impregnado de gazes asphyxiantes, pois todas as victimas da catastrophe mostravam signaes de terem perecido asphyxiadas. Tinham as mãos sobre a bocca, como que para impedirem a suffocação.

Quasi todos os cadáveres apresentavam a cara voltada para a terra. Junto de uma parede appareceram grupos de 22 cadáveres de homens, mulheres e creanças todos abrazados.

Em S. Vicente era cada vez mais grave a situação. Os mortos conhecidos chegam a 700 e o seu numero augmenta.

O vulcão ameaça uma destruição identica á de S. Pedro.

Telegrapham de Kingston que em S. Vicente tem cahido chuva de pedras e cinzas sem interrupção, obrigando os habitantes a permanecer encerrados em suas casas. Outros telegrammas dizem que as victimas em S. Vicente ascendem já 7:200.

Novos despachos de Martinica dizem que continua sendo mais formidavel a erupção do Mont-Pellé. O panico é grande em todas as ilhas.

Novos telegrammas enviados ao ministerio da marinha franceza, certificou a continuação das erupções vulcanicas na Martinica, confirmando ao mesmo tempo a noticia de que o Suchet conseguiu salvar parte da população da aldeia do Prêchenr, que conduziu para Fort-de-France, não lhe sendo possível, porém, o atingir o norte da ilha, por causa da chuva de cinzas e lavas que era intensissima.

ULTIMAS NOTICIAS

Diz um despacho que são precisos com urgencia viveres para 100:000

personas e um grande carregamento para S. Pedro.

Chegarão a Dominica, em embarcações, 300 sobreviventes na catastrophe.

Nas investigações feitas nas ruínas de S. Pedro foi encontrado o cadaver carbonizado de uma mulher que compremia contra a bocca um lenço que estava intacto.

Dizem de Washington que o ministerio da guerra enviará durante 14 dias 40:000 rações para a Martinica. Roosevelt fez um appello á generosidade publica.

Mais despachos aqui recebidos affirmam que é gravissima a situação de Martinica. Continúa a erupção do Monte-Pellé.

Segundo o eminente sábio Moissan, membro do Instituto, é de crer que o ar fosse decomposto pela chuva de fogo.

O oxigenio foi absorvido rapidamente pelas materias igneas, produzindo-se em seguida uma enorme extravasão d'acido carbonico que devia ter asphyxiado os habitantes.

Um telegramma diz, em abono d'esta opinião, que no momento do sinistro houve uma extravasão consideravel de gaz.

A asphyxia poucou, indubitavelmente, muitos soffrimentos ás victimas.

O panico continúa reinando em todas as Antilhas. A ilha de S. Vicente, situada directamente ao sul da Martinica, é de todas a que parece mais ameaçada.

Consta que a Sulfureira estava em plena actividade, que um terço da ilha ardia já, que torrentes de lava corriam em todas as direcções, que numerosissimas pessoas tinham succumbido, e que a população da ilha fóra dizimada pela asphyxia e pela sede.

Todos os riachos e fontes da ilha secaram.

Nuvens de cinzas quentes caem no mar sobre os navios que passam ao largo.

Companhia Lisbonense

Tem proseguido com geral agrado os espectaculos dados pela companhia Lisbonense, no seu barracão do Rocio. Os principaes artistas Domingos, Santos, Cesar, Lola e outros tem sido muito applaudidos.

Na quinta-feira representouse a linda peça o Fausto, em beneficio de Carlota e Luiz Augusto, que agradou.

Hoje sóbe á scena o verdadeiro Raminho d'Ouro, peça de grande apparato scenico, o que decerto levará ao theatro uma grande concorrência.

Noticias agricolas

Pinhel, 12.—Nas ultimas noites os gelos foram de tal ordem, que queimaram grande parte dos vinhos, batatas e hortaliças.

Villa Real, 12.—Baixou a temperatura. A geada dos ultimos dias tem prejudicado extremamente a agricultura.

Vidago, 12.—Uma geada, como igual ninguém se lembra de ter presenciado, queimou, na manhã de hontem, quasi completamente, todos os vinhedos, batataes e legumês da região de Ribeira de Ouro e na maior parte do concelho de Chaves. Os prejuizos são importantissimos.

Bragança, 12.—As enormes geadas das noites de 9, 10 e 11 destruíram completamente a abundante colheita de vinho que se esperava. As vinhas julgam-se perdidas para dois annos. Fructeiras, batataes e feijões estão completamente queimadas, sendo os prejuizos incalculaveis.

Povoa de Lanhoso, 12.—O vinho que este anno estava promettedor de boa colheita soffreu extraordinariamente com as ultimas geadas. Causa dó vêr tanto prejuizo. Ha propriedades em que nada se aproveita. Tambem soffreram as hortas e batataes.

SCIENCIAS & LETTRAS

Uma pavorosa... no paraíso!

(Continuação do n.º anterior)

Os dois santos puzeram-se á procura de Deus Nosso Senhor.

D'ahi a um instante acharam-n'o occupado a escrever o officio da Virgem.

—Mau!... disse Deus Nosso Senhor ouvindo a bulha que faziam os dois santos ao entrarem. Não posso estar dez minutos socegado. Que me querem?

—Senhor, disse S. Pedro, é S. José...

—Senhor, disse S. José, é S. Pedro...

—Ora que lão de andar sempre á bulha! Não faço senão accomodal os desde pela manhã até á noite!

—Senhor, disse S. José, é S. Pedro que não quer deixar entrar os meus devotos.

—Senhor, disse S. Pedro, é S. José que quer dar entrada a toda a gente.

—O sr. é um egoista! acudiu S. José.

—E o sr. um ambicioso! redargui S. Pedro.

—Silencio! disse o Padre Eterno. Então o que succedeu?

—Senhor, perguntou S. Pedro, sou porteiro do paraizo ou não sou?

—E's.

—Tenho direito de abrir ou de fechar a porta aos que se apresentam?

—Tens, mas bem vês que deves ser justo. Quem está lá?

—Um bandido, um ladrão, um assassino...

—Oh! disse o Padre Eterno.

—Que acaba de ser enforcado.

—Oh! oh! é verdade. S. José?

—Senhor... respondeu S. José um pouco atrapalhado.

—E' verdade ou não é? Responde.

—Não é de todo falso.

—Ah! exclamou S. Pedro triumpicante.

—Mas esse homem sempre foi meu devoto muito especial, e eu não posso abandonar os meus amigos na desgraça.

—Como se chama elle? perguntou o Padre Eterno.

—Mastrilla, respondeu S. José com certa hesitação.

—Esperem lá! disse o Padre Eterno. Mastrilla! Mastrilla! esse nome não me é estranho.

—Um ladrão, disse S. Pedro.

—Um saltador, um assassino?

—Que sahia á estrada de Roma para Napoles, entre Terracina e Gaeta? e roubava todas as egrejas?

—Exactissimamente.

—Ora essa! e queres metter-nos cá esse tratant? perguntou Deus Nosso Senhor a S. José.

—Então que tem! disse S. José. O bom ladrão tambem cá está.

—Ah! tu fallas-me n'esse tom? disse o Padre Eterno que não gostava que lhe atirassem á cara com o favoritismo do bom ladrão.

—Fallo porque me fazem fallar! disse S. José.

—Pois vamos a vêr isso. S. Pedro...

—Senhor.

—Prohibo-te que deixes entrar Mastrilla. Entede-te?

—Perfeitamente. Póde estar descançado, que não entra cá.

—Ah! não entra? disse S. José.

—Não!... disse o Padre Eterno.

—E' a sua ultima palavra?

—E' a minha ultima palavra.

—Veja bem o que faz!

—Disse e está dito.

—Pois então passe por cá muito bem!

—Despedes-te?

—Pois se me vou embora!

—Para onde?

—Volto para a Nazareth. Não me quero demorar nem um instante n'um sitio onde me tratam como sou aqui tratado.

—Meu caro, disse o Padre Eterno, com esta são dez vezes que me fazes essa ameaça.

—Pois não lh'a farei onze!

—Tanto melhor.

—Ah! tanto melhor! Assim me deixa partir?

—E com mil vontades. —Pois ha-de-se arrependen... —Não creio. —Veremos. —Pois veremos. —Adeus. Senhor!... —Adeus. —Olhe que ainda é tempo!... disse S. José voltando-se para traz. —Pois ainda ahí estás? —Estou, mas agora parto devoras.

—Boa viagem! —Obrigado!

(Continua)

Reabertura da Universidade

Foi affixado um edital mandando reabrir para o dia 22 (quinta-feira) a Universidade.

Francisco Conceiro ADVOGADO RUA DIREITA - 107 AVEIRO

A maior intrujice do seculo

Assim póde ser classificada a já celebre questão Humbert-Crawford, que tanto tem apixonado a opinião publica de todos os paizes, especialmente de França onde o caso se deu.

Eil o em poucas palavras: Mad. Humbert, esposa d'um antigo presidente do Tribunal de Contas, que por sua vez era irmão d'um ministro da justiça, durante a terceira republica, conseguiu durante uns 20 annos approximadamente, arranjar perto de 43 milhões de francos, dando como caução para os successivos empréstimos, uma mysteriosa caixa que, dizia ella, continha nada menos de 120 milhões procedentes da herança d'um riquissimo americano de nome Crawford, que só existia na imaginação da refinadissima... madame Humbert.

Esta illustre... madame Humbert conseguiu obter a confiança de muitos banqueiros e pessoas ricas, chorando constantemente a perseguição de dois sobrinhos do tal Crawford sobrinhos que afinal eram filhos apenas da imaginação da valentissima... madame Humbert.

O proprio Banco de França deixou-se apanhar caindo com meio milhão por ordem do seu antigo presidente sr. Magnier, vice-presidente do Senado.

Emfim as coisas foram correndo por forma tal que a policia teve que se metter no caso e tratar de saber o que havia na mysteriosa caixa, o que a espartissima... madame Humbert consentiu da melhor vontade.

Marcado o dia, e chegado elle apresentaram-se em casa da atiladissima madame Humbert, mas passaram pela decepção de, depois de não encontrarem o par de frança em casa, não encontraram um par de sous (sem calemburgo) no cofre.

Os dois pombinhos Humberts, armados em milhares, tinham batido as azas, deixando os credores a baterem com as cabeças pelas paredes.

Ha muitas e muito importantes pessoas intrometidas no celebre e escurissimo caso, e a opinião publica ao mesmo tempo que accusa o ministro da justiça, mr. Monis, diverte se com a historia, e até cremos que deseja que não seja presa a grande intrujice—chamemos lhe emfim o seu verdadeiro nome—que se chama madame Humbert, se é que é este o seu verdadeiro nome.

Em beneficio dos actores Machado e America, e da actriz Helena, sóbe á scena na proxima quarta-feira, no Theatro Lisbonense, «Os Rouxinões de Madrid», uma linda peça que tem sido muito applaudida.

Toma parte n'este espectáculo, por especial obsequio aos beneficiados, o amador sr. João Telles, que cantará n'um dos intervallos a cançoneta —Ai! Tenho medo!

E' um espectáculo atrahente.

HORARIO DOS COMBOIOS

Table with train schedules for Aveiro to North and Aveiro to South. Columns include departure times and arrival times.

Advertisement for SINGER sewing machines, mentioning a factory in Aveiro and a shop in Lisbon.

HENRY SIENKIEWICZ (auctor do «Quo Vadis»)

HANIA

primorosa novella polaca do celebre auctor do «Quo Vadis», «Sem dogma», «Diluvio», «Sigmol-o»

Preço de cada volume illustrado com uma capa a cores

Preço 300 réis

Pedidos á Direcção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, ou nos seus correspondentes.

ANNUNCIOS

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA

VENDE cannos de ferro de todas as grossuras, para encanamentos de agua e gaz.

—Preços do Porto. Candieiros, serpentinas, Bombas para agua.

16, R. DA CORREDOURA, 18 AVEIRO

SAPATARIA REIS

R. DOMINGOS CARRANCHO (A'S CINCO RUAS) AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma instalação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

BREAK

VENDE SE um quasi novo. Nesta redacção se diz com quem tratar.

Bibliotheca
HORAS ROMANTICAS
 Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.
QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. — 3 volumes.
VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. — 1. vol.
EULALIA PONTOIS, de F. Soulié. — 1 vol.
A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet. — 1 vol.
SENHOR EU, de Farina. — 1 vol.
Cada volume, 100 rs.
 Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA De 1820
 Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época
ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA
 Os editores desta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanais de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia da familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho autentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como heróis lutaram pela santa causa da liberdade.
 Condições da assignatura extraordinaria
 Cada fasciculo de 32 paginas 60 réis
 Cada vol. brochado.. 1:500 »
 Obra completa (4 vol) 6:000 »
 A assignatura por fasciculos póde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.
 Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.
EM AVEIRO—Livraria Mello Guimarães.
COMPANHIA NACIONAL EDITORA
 Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas
 Ceroadas pela academia franceza
A CARTEIRA DO REPORTER
 POR **JULIO VERNE**
 Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

AMBIÇÃO D'UM REI
 ROMANCE PORTUGUEZ
 Original de EDUARDO DE NORONHA
 illustrado a côres por **Manuel de Macedo e Roque Gameiro**
 A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.
120 rs.—cada fasciculo—120 rs
 Os pedidos d'assignatura podem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

Cathecismo Moderno
 (ILLUSTRADO)
 Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.
Preço 50 réis
 A' venda na Livraria Elysio —Rua Formosa, 282
PORTO

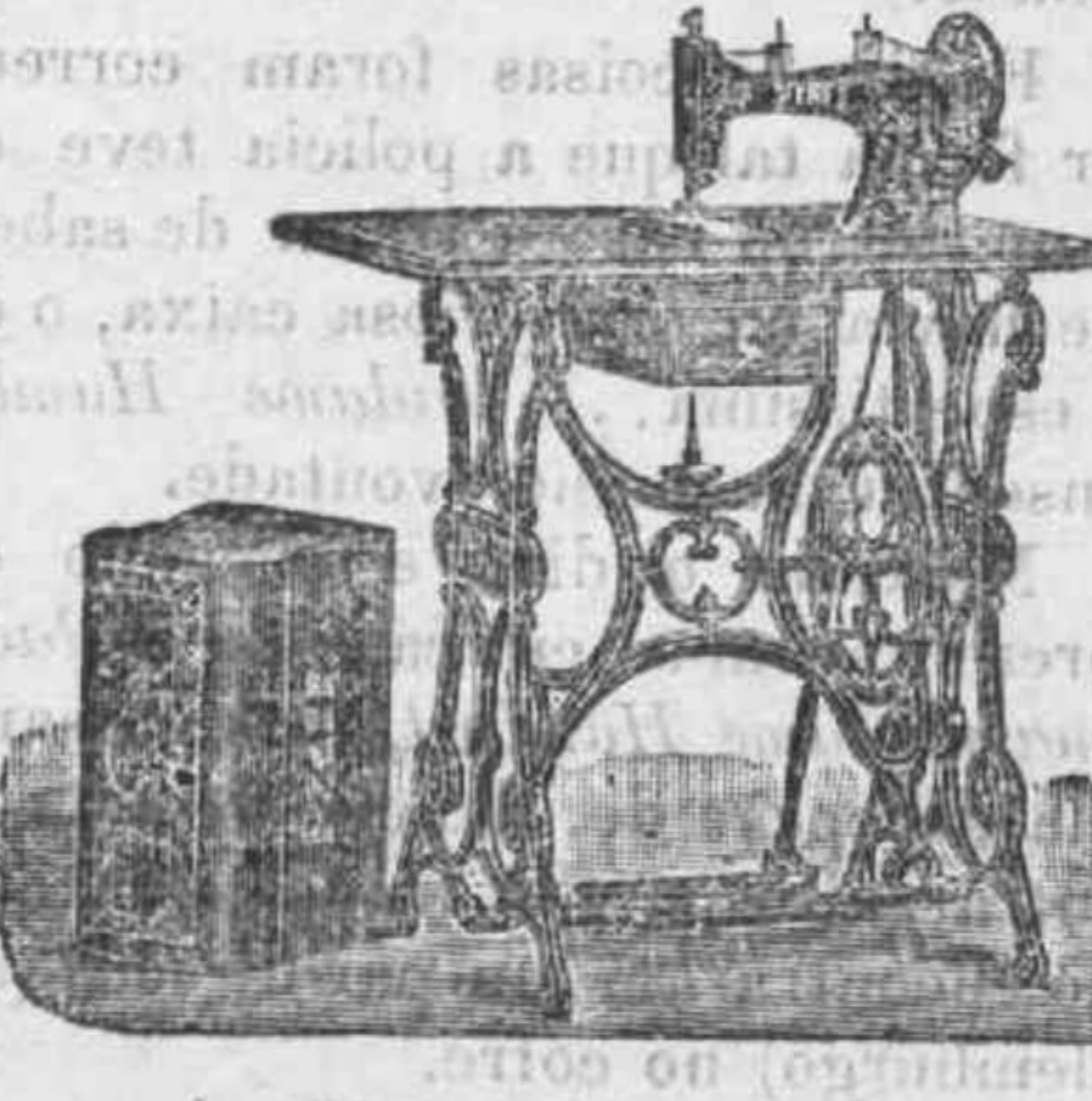
NOVIDADE LITTERARIA
ALMANACH HACHETTE PARA 1902
 Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.
50 rs. cada semana, no acto da entrega
SEM DOGMA
 Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do **QUO VADIS?**
 tradução de EDUARDO DE NORONHA
300 rs. cada volume 300
 A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

O DILUVIO
 Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do **QUO VADIS**, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenhoulam-se n'esta obra, no lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao **QUO VADIS**.
 A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres.
Preço, 300 réis
 Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

Jayme Duarte Silva
ADVOGADO
R. DO SOL—AVEIRO
"O NORTE"
 Em Aveiro vende-se no **Kiosque Central.**

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, cloroeto, enxofre, casso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de merceria e muitos outros.
 A' venda no estabelecimento de **Domingos José dos Santos Leite**
RUA DO CAES
AVEIRO

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA
 DA **ACREDITADA FABRICA "PFAFF,"**
 Fundada em 1863
 EM **Kaiserslautern**
 são estas as melhores machinas de costura



A machina **PFAFF** para costureiras.
 A machina **PFAFF** para alfaiates.
 A machina **PFAFF** para modistas.
 A machina **PFAFF** para sapateiros.
 A machina **PFAFF** para seiteiros.
 A machina **PFAFF** para corrieiros.
 A machina **PFAFF** para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.
A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura
 Ensino gratis. Garantia illimitada.
 A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
 Para collegiós e escolas de meninas, preços e condições especiais.
 Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
 Conserta-se machinas de todos os systemas.
 Peça catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.
 Pedidos a **José Alvaria Simões & Filho**
ANADIA—SANGALHOS

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO
 POR **JOÃO DE MENEZES**
 A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 153, rua da Prata, 160—LISBOA.
Preço 200

GRANDEZ NOVIDADE LITTERARIA
Os Mystérios da Inquisição
 POR **F. GOMES DA SILVA**
 Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.
 Nos **Mystérios da Inquisição** descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadejam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, exaltam-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.
 Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não póde olvidar.
 Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á **Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—**ou aos seus agentes.

ARMAZENS DA BEIRA-MAR
 DE **MANUEL CONÇALVES MOREIRA**
PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
R. DOS MERCADORES, 1 A 5
AVEIRO
 D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Com.)
VENDAS SO A DINHEIRO
 Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.
 Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéns para homem, senhora e crianças, Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.
 Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).
 Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.
 Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.
 Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).
 Flores artificiaes e coróas funerarias.
 Ampliações photographicas. Encadernações.
N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!
 As machinas para coser da **Companhia SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix.**
 É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.
AVEIRO
75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Vinho de Buellas
 O legitimo vinho de Buellas so se vende em Aveiro no estabelecimento de **José Gonçaves Gamellas, á Praça do Peixe.**

CONSULTORIO DENTARIO
 DE **THEOPHILO REIS**
 Cirurgião-dentista, pela Universidade de Coimbra
 Extraihe, obtura, colloca dentes e encarrega se do concerto de dentaduras
R. DIREITA, 58, 1.º
Aveiro

Preços fixos
CONFECÇÕES:

NOVIDADE LITTERARIA
SIGAMOL-O!
 Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do **QUO VADIS?** seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.
 Trad. de **EDUARDO NORONHA**
 Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.
Preço 500 réis
 A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ALVARO DE MORAES FERREIRA
MEDICO
 Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.
 Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.
Largo do Rocio, 42 a 44

Preço 500 réis
 A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.